

O ESPAÇO URBANO NOS ROMANCES *O CORTIÇO* E *DEZ DIAS NO CORTIÇO*: UMA LEITURA COMPARADA

**URBAN SPACE IN THE NOVELS *O CORTIÇO* AND *DEZ DIAS NO CORTIÇO*:
A COMPARATIVE READING**

Mariana da Silva Santos¹
Renata Kelen da Rocha²
Vilma da Silva Araújo³

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura comparativa dos espaços urbanos em *O Cortiço* de Aluísio Azevedo e *Dez Dias no Cortiço* de Ivan Jaf. *O Cortiço* destaca-se como uma representação naturalista do Rio de Janeiro do século XIX, explorando as lutas e influências deterministas sobre os habitantes de um cortiço. Em contrapartida, *Dez Dias no Cortiço* contemporâneo de Jaf aborda o contraste socioeconômico através da experiência de um jornalista e seu filho em um cortiço. A análise revela a evolução das dinâmicas sociais e convida à reflexão sobre desigualdades persistentes e transformações individuais.

Palavras-chave: *O Cortiço*; *Dez Dias no Cortiço*; Ivan Jaf; Espaço urbano.

ABSTRACT

This article conducts a comparative analysis of urban spaces in "O Cortiço" by Aluísio Azevedo and "Dez Dias no Cortiço" by Ivan Jaf. "O Cortiço" stands out as a naturalistic portrayal of 19th-century Rio de Janeiro, exploring deterministic struggles and influences on the inhabitants of a tenement. In contrast, Jaf's contemporary "Dez Dias no Cortiço" addresses socioeconomic disparities through the experiences of a journalist and his son in a tenement. The analysis reveals the evolution of social dynamics and prompts reflection on persistent inequalities and individual transformations.

Keywords: Tenement; Ten Days in the Tenement; Ivan Jaf; Urban space.

Introdução

O cortiço, obra célebre do naturalismo no Brasil, é fiel ao período em que foi escrito, no século XIX, quando a Corte Real estava no território carioca. Como consequência da presença da nobreza portuguesa no país, a partir do ano de 1808, pode-se observar uma rápida transformação naquele local.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Estágio pós-doutoral na Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus Guarapuava. Email: marianassantos687@gmail.com

² Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Email: renatarocha852@gmail.com

³ Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Email: vilmaaraujomga@gmail.com

No final do século XIX, momento em que Azevedo alicerçou a sua carreira como jornalista e escritor, é possível observar as consequências da mudança social em sua principal obra, as quais o Rio de Janeiro, como capital, passava. Dessa forma, na transição dos séculos XVIII e XIX, se a Inglaterra já dava os primeiros passos para a implementação do sistema capitalista, juntamente com a Revolução Industrial, o Sul Global começava a presenciar resquícios desse novo modelo econômico em meados do século XIX.

O Brasil, neste sentido, teve uma oportunidade de modernização mais acelerada se comparado às demais colônias, graças à vinda da Família Real. Em razão do modelo econômico que começava a se sobrepôr na sociedade ocidental, das influências da Revolução Francesa e de suas ideias liberais, esse período foi palco de grandes mudanças no país, entre elas: a abertura dos portos para as nações amigas de Portugal; inserção de escola de medicina; abertura de indústrias; Independência do Brasil; abolição da escravatura; migração de povos europeus.

Azevedo providenciou justamente o retrato da nação após a abolição, em que, com a dominação de linhas de pesquisas racistas, adotou-se a postura da não integração da população negra na sociedade brasileira (SCHWARCZ, 1993), dando preferência para o estímulo à emigração de europeus. As cidades, cuja característica permitia a convivência e o encontro de habitantes de origens culturais divergentes, sofrem também com a falta de espaço e de preparo para a recepção de tantas pessoas.

Por isto, o surgimento de cortiços, pequenas casas alugadas, geralmente, para as pessoas de baixa condição econômica. Essas habitações, além de retratar muito bem a realidade socioeconômica da cidade maravilhosa de séculos atrás, eram um espelho da realidade desse estado, já que ainda são encontradas aos montes, como irá contar Ivan Jaf (2009) em sua obra.

A partir desta contextualização, é possível reconhecer a importância do espaço como elemento fundamental para a compreensão de uma narrativa e da sociedade em si. Esta pesquisa, por isso, propõe a análise comparatista das obras literárias citadas anteriormente, das quais espera-se extrair elementos de igualdade e os contrastes das habitações espaciais em diferentes tempos. Com isso, pretende-se compreender as divergências produzidas ao longo dos anos na sociedade brasileira, além das semelhanças preservadas.

Esta proposição é materializada por meio de uma análise direcionada especialmente à personagem Sérgio, filho do protagonista de *Dez dias de cortiço*. Ele é um adolescente símbolo do contraste entre a vida privilegiada da sociedade de classe média alta e a vida daqueles que necessitam habitar um cortiço. O jovem serve ainda como cataclismo da reflexão sobre a mudança espaço/temporal entre as histórias, justificando a escolha para essa abordagem.

O espaço na narrativa de Aluísio de Azevedo

O Naturalismo é uma das escolas literárias que, assim como o realismo, surgiu como uma forma de insurgência à corrente literária previamente dominante, o Romantismo. Em contraposição ao caráter romântico, predominante na literatura europeia a partir do século XVIII até meados do século XIX, esse movimento representava a tentativa de aproximar o leitor da realidade social por uma lente mais objetiva, contrastando ao tom subjetivista e idealista do romântico.

O caráter de busca pela impressão do real nas obras literárias foi ensejado pelos problemas urbanos e pelas precariedades, ocasionadas pelo capitalismo, juntamente com a Revolução Industrial. Isso representou, não só na Europa, como na América do Norte e no Sul Global, incluindo algumas colônias como o Brasil, a mecanização do trabalho e, em alguns casos, a substituição da mão de obra humana pela máquina. Outras consequências foram: o aumento na porcentagem de imigração do espaço rural para o espaço urbano; a ampliação das desigualdades econômicas; a depreciação gradual das habitações e das condições de vida de famílias desfavorecidas financeiramente.

O cortiço, de Aluísio de Azevedo, é, pois, produto do seu tempo, trazendo, através da sua ambientação, características do período, como a chegada de imigrantes ao Brasil, aspectos da vidas de pessoas negros enquanto livres e escravos, além da convivência dessa micelância de grupos em lugares como o Rio de Janeiro. A obra, cuja narrativa se passa especialmente dentro e ao redor do cortiço, é resultado do esforço, nem sempre legítimo, de João Romão (AZEVEDO, 2013, p. 15). A propriedade surgiu a partir de um desmante de parte de uma pedreira, atualmente localizada no bairro do Botafogo, entre a “rua Raul Fernandes, até a esquina com a rua Barão de Lucena” (JAF, 2009, p. 113). Em um longo processo de obtenção de matérias, João Romão e Bertoleza, escrava, que virara a sua companheira, construíram o lugar, onde se encontravam as

peças de diversas origens, diferentes histórias e culturas, desde o emigrante desterrado, o português até a baiana vinda do Nordeste.

Este encontro, não fortuito, servia de palco para a demonstração e a legitimação das ideias principiadas pelo determinismo, em que o externo sobrepunha ao interno e a convivência resultava em mais influência do que a herança genética. Por isso, um grupo “amaldiçoado” por sua origem era predestinado a ter uma vida semelhante à de seus pares. Como exemplo, há o capoeirista de sangue quente, conhecido como Firmo, que, no desenrolar do romance, brigou pelo amor de Rita Baiana, contra Jerônimo, mas, como resultado, ele foi morto.

Cidadãos pobres e desfavorecidos, cuja localização espacial espelhava as suas próprias características, tanto sociais quanto individuais. As idiossincrasias não passaram despercebidas por Azevedo e eram reproduzidas literariamente por figuras de linguagem, como personificações e sinestésias, como pode-se perceber neste excerto:

[...] e, ouvia, a contragosto, o grosseiro rumor que vinha da estalagem numa exalação forte de animais cansados. Não podia chegar à janela sem receber no rosto aquele bafo, quente e sensual, que o embebedava com o seu fartum de bestas no coito (AZEVEDO, 2013, p. 27).

Considerando este trecho, tem-se como prova simbólica de que Aluísio de Azevedo não apenas promovia uma linha de pesquisa, a qual os seus pensamentos estavam atrelados, no caso o Naturalismo, como também, em razão da sua intimidade com a linguagem jornalística, permitia o reconhecimento detalhado da sociedade carioca da época, em especial, da classe trabalhadora, composta por pessoas de baixa renda, emigrantes, imigrantes, pessoas do Rio de Janeiro, gente que vivia da capoeira, de vender comida, pedreiros e tantos outros. Portanto, o autor trouxe aos seus leitores o retrato daquela região, um cenário de atuação de diversas figuras, permitindo um contato com a cultura daquele local, na transição entre os séculos XIX e XX.

O espaço em *Dez dias de cortiço*

Ivan Jaf, autor contemporâneo, cujo público é composto, majoritariamente, por pessoas da faixa etária mais jovem, é nacionalmente reconhecido por suas obras infantojuvenis, criadas com o objetivo de ser uma porta de entrada para as consagradas narrativas brasileiras. Dentro desse viés, pode-se listar algumas de suas publicações: *Longe dos Olhos* – interligado ao livro *O mulato*, de Aluísio de Azevedo; *Dona Casmurra e seu Tigrão* – relacionado a *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; e, *A Revista de Letras Norte@mentos*

moreninha 2: a missão – uma explícita referência ao livro *Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo.

As obras do autor carioca, além de reconhecidas pela crítica especializada⁴, é também objeto de estudo de algumas pesquisas acadêmicas. Esse reconhecimento, não por acaso, tem estimulado o uso dos livros do escritor como uma ponte entre a literatura atual e os clássicos, caso da obra *Dez dias de cortiço*, objeto deste artigo.

Neste romance, que acompanha a história de Eduardo, um renomado jornalista, editor-chefe de grande circulação, que, aos 50 anos, decidiu deixar a sua carreira bem-sucedida para aventurar-se no processo de escrita de um livro. A decisão, apesar de repentina, refletia um acúmulo de insatisfação do protagonista. Um dia, enfezado com o cotidiano e o *status quo* da sociedade, percebeu que ele mesmo contribuía para aquela situação, em especial, por ser um dos membros de classe média alta que limitava o seu poder para propagar os pensamentos da classe dominante, enquanto relutava por encarar as causas de seu desgosto pessoal e profissional.

Durante um dia de trabalho, ao descobrir que um acidente havia matado um adolescente e ferido outros, que dirigiam um dos carros revisado por ele em sua coluna, o jornalista decidiu se demitir e começar uma jornada de autoconhecimento e de reinvenção de si mesmo. Para isso, como pai de família, ele precisava contar com a colaboração de sua esposa e de filhos. Contudo, quando decidiu desabafar e contar as suas angústias sufocadas, ao invés de encontrar conforto, o protagonista se deparou com indiferença e até crítica, notada na fala da esposa: “Deixa eu adivinhar, Dudu. Trinta anos depois, em plena crise dos cinquenta, um jornalista bem-sucedido resolve jogar tudo pro alto e recuperar um sonho de juventude” (JAF, 2009, p. 24).

Mesmo com a oposição, ele perseverou em sua ideia e convenceu sua esposa a permitir que ele e o filho mais velho alugassem um pequeno quarto em um cortiço por dez dias. Ao encontrar-se com um dos porteiros do prédio, em um bar de esquina, ele conseguiu um local para começar a sua pesquisa e dar prosseguimento ao seu sonho: escrever como Aluísio de Azevedo em sua obra célebre.

Eduardo, após terminar a sua graduação, iniciou o mestrado, cuja pesquisa era direcionada à análise do processo de escrita de *O cortiço*. Contudo, como a própria

⁴ Autor de mais de 60 livros de ficção para o público infantojuvenil, premiado pela União Brasileira dos Escritores, Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil e duas vezes finalista do Prêmio Jabuti. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ivan_Jaf. Acesso em: 8 jun. 2021.

personagem relatou, as dificuldades e as obrigatoriedades da vida adulta demandaram dele a busca por um trabalho remunerado e, conseqüentemente, o abandono de seus estudos. Mas, ao conseguir a possibilidade de retomar aquele sonho, ele e o seu filho Sérgio se instalaram no quarto alugado. Apesar de ser um lugar não muito distante do condomínio, ambos sentiam a enorme distância socioeconômica que os separavam das pessoas daquele lugar.

Esta sensação de desconforto é ainda mais visível no jovem adolescente, pois ele fazia questão de enfatizar a frustração que sentia por estar ali, e não com a mãe e o irmão, viajando por Búzios. A experiência, segundo Eduardo, serviria para o filho familiarizar-se com outros grupos além daqueles que estava acostumado, permitindo-o sair da bolha social, a qual estava acostumado.

Sérgio era um adolescente dos anos 2000, advindo de uma família favorecida economicamente no Brasil, onde a economia crescia exponencialmente na época, o que facilitava a ascensão social e a aquisição de bens. O leitor, ao atentar-se para o comportamento do menino, tendo em consideração o fato de que a mãe e o pai trabalhavam fora, além de frequentar escola particular, viver em bairro bem localizado e usar roupas de marca, não se surpreende que o jovem tenha se limitado a viver conforme os seus semelhantes, sendo, por isso, que ele privilegiaria a aparência ao conteúdo. Essa característica, que demonstrou logo em suas primeiras aparições na história, dando vazão a uma face elitista e preconceituosa, pode ser constatada em:

– Você disse que ia me descolar a grana pra comprar ele. Cadê? Pô, eu não tenho culpa de terem levado o outro naquele assalto. O moleque veio na mão grande e...

[...]

– Eu preciso de um tênis novo! – insistiu Sérgio, para não mudarem de assunto. – Não quero nem saber! Sabe o que mais, deviam pegar esses pivetes e matar... É isso! Metralhar todos eles! Jogar uma bomba nas favelas! (JAF, 2009, p. 15).

Ao ler este trecho, infere-se a maneira que o adolescente pensava e agia, bem como o quanto as suas ideias se associavam àquelas de indivíduos abastados financeiramente. Por isso, também o favorecimento do jovem por produtos de marca. Como Dalcastagnè (2012) explicou, a partir das ideias do crítico Raymond Williams, o sujeito é tratado dentro da sociedade como um consumidor e, portanto, as suas relações são estabelecidas e desenvolvidas, tendo em consideração o seu poder de consumo.

Na esteira de Bourdieu (1974), a pesquisadora afirmou:

São, elas também, violentadas por seu apelo consumista, pelas barreiras impostas, pelo ressentimento diante do que não podem ter – do emprego às fraldas para o filho recém-nascido, do tênis do momento ao carro que passa rápido demais. A violência urbana normalmente é entendida num sentido restrito, como aquela perpetrada contra os que possuem, não a que sofre os que nada têm (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 124).

No caso deste romance, foi apresentado um ponto de vista não do violentado, mas daquele embriagado pelos *status* garantidos pelo consumo, que prefere perpetuar a violência. Além disso, a expansão do *locus* urbano e o crescimento populacional modificaram não apenas a apresentação da cidade em termos materiais, mas também a forma como as pessoas se relacionam, como comentado antes.

Vale ainda levar em consideração que não há mais uma comunidade tão próxima, e o indivíduo, segundo Lacan (apud KEHL, 2004), existe ao ser visto pelo Outro, sendo legitimado ao atingir a expectativa que o Outro tem sobre ele, logo, é geralmente esquecido em meio a massa. Por isso, como pontuou Kehl (2004), o sujeito busca um símbolo que represente os seus interesses ou aquilo que gostaria de representar. Nesse caso:

A insignificância pública dos homens na sociedade de massas é compensada pelo mecanismo de identificação com a imagem de um líder, uma figura de projeção que representa ao mesmo tempo encarnação dos ideais e ideal de visibilidade (KEHL, 2004, p. 153).

Já na Sociedade do Espetáculo⁵, termo cunhado pelo francês Guy Debord, em seu livro homônimo (2000), o sujeito ganha visibilidade através do consumo, e não por sua ação política. Esse aspecto é de grande relevância para a análise da personagem Sérgio, pois, por meio dessa perspectiva, é possível compreender a importância dada por ele às marcas de produtos, afinal, elas não representam apenas o seu *status*, mas determinam ainda como ele seria visto pelos outros.

Ainda mais, ao ir de encontro ao poder, é que o sujeito seria capaz de cumprir o seu “destino”, como interpretou Kehl (2004), quando trouxe as ideias de Michel Foucault para o seu trabalho, sendo “no confronto – ou na colaboração – com o poder que uma vida adquire o direito de ser contada, gerar sua pequena lenda e passar a fazer a diferença entre outras vidas comuns” (KEHL, 2004, p. 152). Assim:

⁵ “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvaio na fumaça da representação” (DEBORD, 2000, p. 13).

Na modernidade, [...], o sujeito desgarrado de referências comunitárias, de um lugar seguro conferido pela tradição, de um reconhecimento pessoal entre o pequeno grupo de pessoas que o viram nascer e crescer, corre permanentemente o risco de viver a vida toda sem ser ‘ninguém’ (KEHL, 2004, p. 152).

Desta forma, Sérgio, como tantos outros, pretendia ser reconhecido através do que ditava a própria comunidade a qual pertencia, pelo consumo. Despojando os objetos que possuía, invalidando aqueles que não podiam adquirir e legitimando ainda a violência de um sistema.

O adolescente, ao ser obrigado a acompanhar o pai em sua pesquisa de campo, confrontou-se com a realidade que tanto desprezava e julgava, mas, dessa vez, não pelo filtro da mídia, e sim por sua própria experiência. Em decorrência disso, ele acabou aproximando-se dos moradores do local, fazendo amizades e construindo laços inesperados, como se vê no trecho que segue:

Conheceu Rodrigo, um mulato magro, que fazia percussão na banda. Era um artista, um talento incrível para a música, mas pobre de não ter o que vestir, nem calçar. Sérgio o viu na rua uma tarde, quando foi comprar pão. Rodrigo andava do outro lado da calçada, gingando o corpo como um pivete, sem camisa, de bermuda e sandália, e só aí compreendeu de fato o que seu pai estava querendo dizer: ali, vendo de longe, sem conhecer, podia colocar um rótulo de ‘pivete’ em Rodrigo, e jogar em cima dele todo o seu preconceito. Podia achar que Rodrigo era um ameaça a seu tênis importado e desejar sua morte (JAF, 2009, p. 106).

Através da relação com Ana, uma menina que sonhava em ser jornalista, mas precisava estudar e trabalhar para conseguir, ele descobriu o quanto estava enganado sobre a ideia que tinha daquelas pessoas. Isso se revelou em uma conversa com ela:

– Tô me sentindo um Henriquinho, tá ligada? – ele disse.
– Quem? – perguntou Ana.
– Do livro... aquele garoto mimado, filho do fazendeiro, que chega pra morar no sobrado do Miranda. Um filhinho de papai cheio de caprichos, delicado, ‘bonitinho’. Tipo assim... não fazia nada, só estudava e dava em cima das lavadeiras do cortiço. Um parasita besta que... (JAF, 2009, p. 107).

Neste trecho, o autor permitiria que os seus leitores reflitam sobre a mudança do pensamento do adolescente representado e o quão repreensível é o seu comportamento passado. E isso é feito de maneira explícita, sendo reforçado pela comparação entre Sérgio e a personagem de *O cortiço*, Henriquinho, jovem mimado que tinha certo

prestígio por ser de família abastada, mas as suas ações denunciavam o caráter dele, isto é, um mulherengo que prezava pela sua própria vida cômoda, nada mais.

Ao longo da narrativa, o convívio de Sérgio com os moradores daquele cortiço não só o fizera mudar, mas também o seu pai e a relação de ambos. Se, no começo da história, o leitor se depara com uma convivência conflituosa e sem intimidade entre pai e filho, após dez dias, a experiência conjunta de lidar com problemas e de viver novidades permitiu que eles estreitassem os seus laços, cumprindo um dos objetivos de Eduardo: o de estar presente na vida do filho.

Considerando estes fatos, é possível perceber ainda outro importante detalhe do romance de Jaf (2009): o autor não pretendeu construir uma obra semelhante à naturalista. Por isso, não tenta rigidamente introduzir um olhar jornalístico em sua narração. Ao contrário de Eduardo, o narrador representou bem as transformações ocasionadas na literatura devido ao descobrimento da falácia ideológica do Realismo/Naturalismo. Portanto, não há uma reprodução fiel ou um detalhamento das situações.

Esta abordagem é explicada melhor por Adorno (2003), em *Notas de Literatura I*:

O realismo era-lhe [ao romance] imanente; até mesmo os romances que, devido ao assunto, eram considerados ‘fantásticos’, tratavam de apresentar seu conteúdo de maneira a provocar a sugestão do real. No curso de um desenvolvimento que remonta ao século XIX, e que hoje se intensificou ao máximo, esse procedimento tornou-se questionável. Do ponto de vista do narrador, isso é uma decorrência do subjetivismo, que não tolera mais nenhuma matéria sem transformá-la, solapando assim o preceito épico da objetividade [...]. (ADORNO, 2003, p. 55).

Ainda assim, Jaf (2009), de maneira ardilosa, utilizou o subjetivismo ao seu favor e conseguiu, através disso, fazer com que o seu leitor atento pudesse ter uma reflexão aprofundada sobre os problemas da sociedade atual, os quais poderiam ser ainda mais compreendidos pelo explícito contraste com o período da obra de Azevedo, garantindo uma maior eficácia nas suas críticas, além de elucidar as problemáticas para o seu público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise realizada, pode-se perceber que o autor contemporâneo, Ivan Jaf, conseguiu cumprir com o seu objetivo de introduzir a obra naturalista ao público infantojuvenil, pois, além de criar uma narrativa que possibilita essa inserção, utilizou também a metalinguagem para explicar a obra de Azevedo. Se apenas isso não fosse suficiente, o autor ainda inseriu uma linguagem subjetiva, permitindo que o narrador, mesmo em terceira pessoa, focalizasse de maneira precisa em falas e situações, as quais demonstram claramente as críticas e as opiniões que necessitam ser alcançadas pelo leitor.

Em outras palavras, na ficção de Jaf (2009), devido à maneira que foi escrita, é fácil identificar a violência simbólica ligada ao consumo exacerbado e elitista. Esse posicionamento do autor ainda auxilia o entendimento da diferença entre as relações estabelecidas no meio urbano na contemporaneidade, contrastando com a dialética social encontrada durante o final do século XIX nas capitais brasileiras. Há de se perceber que o capitalismo, juntamente com as suas modificações, acarretou transformações não apenas no ambiente de trabalho, mas também na forma como as pessoas se relacionam.

A divergência social, evidenciada através da personagem Sérgio, serve para comprovar não só os pensamentos de estudiosas como Kehl (2004) e Dalcastagnè (2012), mas também ideias interpostas décadas antes por importantes críticos como o Bourdieu (1974). Tudo isso ocorre de maneira simples, dentro de uma narrativa, cuja linguagem fácil e com situações entrelaçadas ao cotidiano urbano atual auxiliam a introdução de um clássico a um jovem, bem como a reflexão sobre questões contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974;
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- JAF, Ivan. *Dez dias de cortiço*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2009.
- KEHL, Maria Rita. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 141-161.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em: 31/01/2024

Aceito em: 10/03/2024